

*A GRAMMATICA PORTUGUEZA PELO
METHODO CONFUSO (RIO DE JANEIRO, 1928)
DE MENDES FRADIQUE¹*

Rolf Kemmler

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

RESUMO: *A Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* (1928) do médico carioca José Madeira de Freitas (1893-1944) é uma gramática humorística que reúne explicações e soluções metalinguísticas hilariantes ao lado de outras que, além de exatas, são também precisas. Depois de uma breve introdução literária e histórica o artigo visa apresentar as mais essenciais características da ‘linguística pelo método confuso’.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia linguística, humor, gramática, Mendes Fradique, Madeira de Freitas

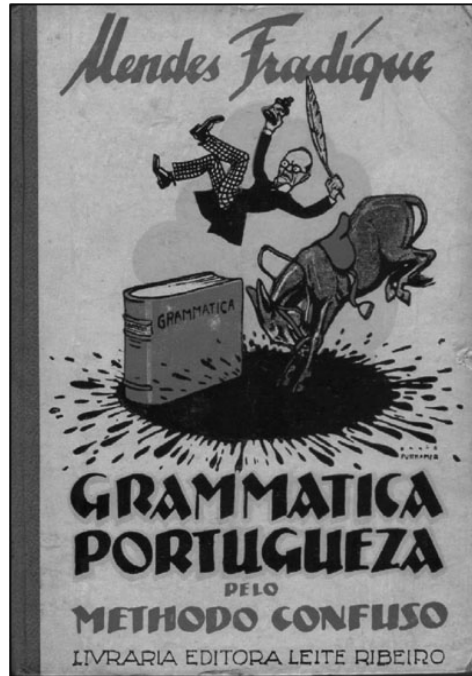
ABSTRACT: *The Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* (1928), written by José Madeira de Freitas (1893-1944), a physician from Rio de Janeiro, is a humorous grammar that combines hilarious metalinguistic explanations and solutions with other precise and accurate ones. After a brief literary and historical introduction, this article aims to present the most essential characteristics of ‘linguistics through the confusing method’.

KEYWORDS: linguistic historiography, humor, grammar, Mendes Fradique, Madeira de Freitas

1 O presente artigo, que dedicamos ao grande mestre e amigo Prof. Evanildo Bechara, constitui uma versão atualizada, corrigida e consideravelmente aumentada do nosso artigo publicado como Kemmler (2009).

Convém notar que será sempre respeitada a grafia e composição original dos textos citados, independentemente de a norma gráfica diferir da norma que hoje está em vigor. Todos os negritos, itálicos e afins que se encontram reproduzidos em citações são portanto, dos autores citados.

1. Introdução



Foi no âmbito de uma das nossas frequentes excursões pelos sebos da cidade de Lisboa que deparamos, há já bastantes anos, com um exemplar de uma obra denominada *GRAMMATICA PORTUGUEZA PELO METHODO CONFUSO*. Desde a primeira vista a obra de um autor identificado como ‘Mendes Fradique’ parecia muito curiosa, tanto pelo nome do autor como pela imagem peculiar na capa do livro que se pode ver na imagem reproduzida ao lado.

Mesmo que o nosso interesse na compra da obra tenha sido despertado sobretudo por aspetos extrínsecos, a nossa análise preliminar permitiu-nos concluir que tanto o autor como especialmente a obra eram dignos de um estudo mais aprofundado que não por último permitisse situar a obra no seu contexto histórico-linguístico e literário.

O humor é um elemento crucial desta obra que modernamente foi desconsiderada não só por se terem tornado raros os exemplares das primeiras duas edições, mas também por ficar fora do padrão de descrição metalinguística do português no Brasil. Entendemos que uma análise da obra não deve, por isso, ser somente linguística ou histórica, mas também humorística.

2. Mendes Fradique: de Eça de Queiroz a Madeira de Freitas

Para além do título da obra, o traço mais obviamente curioso é o nome do autor. A partir da primeira vista fica evidente a ligação à personagem literária queirosiana como Lustosa (1993: 11) explica de forma muito pertinente:

Inversão do nome do célebre personagem de Eça de Queirós era, certamente, uma homenagem ao escritor português, ídolo da boémia literária brasileira do começo do século.

Porquê, então a escolha deste e não de outro pseudônimo queirosiano?

Em termos de história literária, Carlos Fradique Mendes, oriundo da Ilha Terceira (Açores), «poeta *dandy*, prendado, viajado e perverso» (Saraiva / Lopes s. d.: 897) surgiu em 1870 quando foi apresentado e caracterizado pela personagem n' *O Mistério da Estrada de Sintra* (Queiroz 1947: 222-223):²

Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu carácter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do seu talento. Fora amigo de Carlos Beaudelaire [sic!] e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Beaudelaire, usava a cara toda rapada: e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e correcta. Havia em todo o seu exterior o que quer que fosse da feição romântica que tem o *Satan* de Ary Sheffer, e ao mesmo tempo a fria exactidão de um *gentlemen*.

Sendo o nome de Fradique Mendes eternizado pela obra *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900),³ outras cartas foram publicadas postumamente nas coletâneas *Últimas Páginas* (1912) e *Cartas inéditas de Fradique Mendes* (1929). Nestes três volumes, conserva-se um total de 23 cartas desta persona-

2 Na verdade, segundo informações aportadas por Serrão (1985: 197), o 'heterônimo coletivo' de Antero de Quental, Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis teria sido criado «[...] entre os fins de 1868 ou começos de 1869 e Maio ou Junho de 1869 [...]». Uma vez que a criação do heterônimo se inseria na tentativa de criar uma nova filosofia em oposição à sociedade atual (Serrão 1985: 321), o poeta Fradique Mendes manifestou-se como satanista. Deve notar-se, porém, que esta orientação satanística da personagem se perdeu na obra queirosiana posterior bem como na reutilização da personagem de Fradique Mendes no romance moderno *Nação Crioula* de José Eduardo Agualusa (2006).

3 Esta correspondência inicialmente foi publicada nos jornais *Repórter* (Lisboa) e *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro) em 1888.

gem fictícia, dirigidas a pessoas de entre as quais são de destacar os portugueses Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão e o brasileiro Eduardo Prado, cofundador da Academia Brasileira de Letras.

Nas suas cartas, a personagem fictícia Fradique Mendes manifesta uma vasta cultura e sólida erudição, ocupando-se com os temas mais variados. Observa-se em quase todas as cartas uma presença constante do elemento humorístico e da ironia ora muito requintada, ora grosseira.

Julgamos que terá sido esta característica da personagem queirosiana que levou o médico José Madeira de Freitas (1893-1944) a escolher precisamente este pseudônimo. Esta escolha logo se mostraria programática, visto que o jovem humorista provinciano, oriundo do município de Alfredo Chaves, no Estado de Espírito Santo, c, cedo se distinguiria como desenhista e caricaturista da revista *Rio Ilustrado* desde 1913. Continuando vinculado às publicações humorísticas após a sua formação em medicina em 1917, começou, desde 1919, com a publicação da sua *História do Brasil pelo Methodo Confuso* na revista *D. Quixote*, uma obra que teve grande sucesso editorial quando passou a ser divulgada em forma de livro desde 1920.⁴ Não deixa, porém, de ser notável que Madeira de Freitas foi «[...] até o fim da vida um sério profissional da medicina, escrevendo inclusive livros especializados, lecionando na Universidade [...]» (Lustosa 1993: 17), de maneira que é tão pertinente falar de ego e alter ego em relação a Madeira de Freitas e Mendes Fradique (Lustosa 1993: 15) como no tocante à relação entre Eça de Queiroz e Fradique Mendes. Em ambos os casos, a personagem criada através da prosa ou através do pseudônimo serve para manifestar ideias, opiniões e atitudes que o autor na vida real não podia ou não queria assumir como próprias.⁵

Um dos humoristas mais reconhecidos da sociedade carioca dos anos vinte, Madeira de Freitas, enquanto conservador,⁶ opôs-se ao Modernismo literário,

4 Em confirmação da gênese da obra, Carneiro (2008: 10) fornece a seguinte data da primeira edição ao afirmar que a *História do Brasil pelo Methodo Confuso* terá sido «[...] publicada em capítulos semanais na Revista D. Quixote em 1919 e entre 1920 e 1928 mereceu seis edições em livro», atualizando assim a informação de Lustosa (1993: 11-13) segundo a qual a obra terá sido publicada pela primeira vez em forma de livro em 1922.

5 Estabelecendo um paralelo entre as personagens literárias Dr. Jeckyll e Mr. Hyde, Lustosa (1993: 15) conclui que «[...] Madeira de Freitas pensava reacionário e Mendes Fradique sentia modernista». O relacionamento entre o autor e o pseudônimo foi detalhadamente estudado por Carneiro (2008: 46-96).

6 Julgamos que terá sido no âmbito desta atitude mais conservadora que Madeira de Freitas chegou a ocupar a 15.^a cadeira da Academia Espírito-Santense de Letras desde 1923 (cf. AEL s.d.).

aderindo mais tarde ao integralismo político dos anos trinta, sem, aliás, chegar a fazer parte da liderança deste movimento nacionalista que foi a vertente brasileira do movimento fascista de cunho italiano.⁷

Se bem que pareça que a sua orientação política possa ter contribuído para o esquecimento do autor e da sua obra na atualidade, julgamos lícito sublinhar que a maioria do conjunto das obras humorísticas não merece isso, já que fica isento de atitudes ideológicas que hoje possam ser consideradas inaceitáveis.⁸

3. *A Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*

A primeira edição da *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso: Seguida de uma variada collecção de exercicios pelo mesmo methodo* foi publicada pela primeira vez em 1928⁹ pela Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos & Cia. do Rio de Janeiro (Fradique 1928).¹⁰ Para o presente estudo, basear-nos-emos nesta primeira edição que supomos ser a única publicada em vida do autor.

Sem qualquer imagem dentro do livro, a única ilustração da obra encontra-se no rosto. Trata-se de uma imagem de um asno situado numa grande mancha de tinta que acaba de deitar abaixo um indivíduo identificado como ‘Barão Puttkamer’. Este, vestido com uma casaca preta e com calças em preto e branco, tem nas suas mãos um tinteiro e uma grande pena e está caindo rumo a uma gramática semi-imersa na mancha de tinta. As palavras ‘Barão Puttkamer’ na

7 Para mais informações sobre a ligação de Madeira de Freitas ao movimento integralista veja-se Lustosa (1993: 240-243).

8 Nota-se que nem todas as obras de Mendes Fradique eram humorísticas, como, por exemplo, a última obra sob o pseudônimo *Ideas em zig zag* (1928), na qual o autor, como demonstra Carneiro (2008: 184-192) passa a adotar antes a postura de um ensaísta com bastante proximidade do fascismo contemporâneo (chegando até a pronunciar-se a favor do ditador italiano Benito Mussolini).

9 Na internet, são muito frequentes as referências que ligam o surgimento da gramática ao ano de 1927, tal como o faz Lustosa (1993: 13). Até agora não nos foi possível encontrar qualquer exemplar da obra que data de 1927. No entanto, é de observar que o prefácio do próprio autor está assinado como «Rio, 1927 Mendes Fradique» (Fradique 1928: 6). É este fato que nos leva a descrever na existência de uma primeira edição de 1927, pelo que basear-nos-emos na edição de 1928 como primeira edição da obra – o que vai de encontro com as edições posteriores que partem igualmente da edição de 1928 como primeira edição. Para mais esclarecimentos sobre essa questão, veja-se o capítulo 4.1.

10 Note-se que a editora Leite Ribeiro era a editora das já referidas edições da *História do Brasil pelo Methodo Confuso* do mesmo autor que se realizaram na década dos anos vinte do século XX.

margem inferior direita da imagem, permitem concluir que a pessoa retratada deve ser o alemão Wolf-Heinrich Freiherr von Puttkamer (1887-1982), de quem encontramos a seguinte referência que, aliás, em nada está ligada à língua portuguesa:

O Barão Puttkamer, em 1924, organizou uma expedição a cavalo e carro de boi com o objetivo de conhecer o Planalto Central Brasileiro. Chegando às nascentes do rio São Francisco, maravilhado com a beleza do local e as riquezas minerais, adquiriu uma fazenda na região do rio Douradinho, perto de Coromandel (MG), fixando ali residência com seus familiares (IGPA s. D.).

O nosso exemplar da gramática consta de 271 páginas, a contar pela folha de anterosto. A gramática ocupa somente as páginas 7-92, sendo as considerações metalinguísticas repartidas em 34 capítulos. A segunda parte do livro, de páginas 93 até 263, contém um *Appendice Anthologico em que se contem uma variada collecção de excerptos dos poetas e prosadores mais acreditados nesta praça, com o respectivo cadastro e fé-de-officio* que, como informa Lustosa (1993: 22) «[...] nada mais é do que a reedição de *Feira Livre*, com poucas modificações»,¹¹ seguindo-se um índice de toda a obra (páginas 265-271).

3.1 O prefácio e o *Methodo Confuso*

No prefácio à obra, o autor fornece os seguintes esclarecimentos que a permitem enquadrar:¹²

DUAS PALAVRAS¹³

Tendo eu encetado, a titulo de ensaio, ha alguns annos, a publicação de uma serie de livros didacticos, obedecendo ao methodo do Sr. Thomaz Delphino, qual é o *Methodo Confuso*, verifiquei, sem menor difficuldade, a perfeita adaptação desse methodo á mentalidade da minha gente e da minha raça. O exito do *Methodo*

11 A obra *Feira Livre: Antologia Nacional pelo Methodo Confuso* saiu à luz no Rio de Janeiro em 1923, publicada pela editora Benjamin Costallat & Miccolis (Lustosa 1993: 254).

12 Numa abordagem própria dos estudos literários, Carneiro (2008: 192-201) dedica um subcapítulo à *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso*, baseando-se nos trabalhos do teórico russo Mikhail Bakhtin. Julgamos que será devido a esta orientação puramente literária que o investigador brasileiro não consegue identificar a proximidade entre obras metalinguísticas existentes e a obra humorística do escritor carioca.

13 Nota de rodapé em Fradique (1928: 5): «Isso é como quem diz: vou alli, já volto... E leva um anno para voltar...».

Confuso, como processo didactico, foi flagrantemente fructuoso, o que me animou a continuar a série, dando á estampa a presente *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, cuja adopção, nas escolas e gymnasios do Brasil, se fez *avant-la-lettre*, á simples exposição do programma a que obedece a materia, no compendio. Deixo aqui patentes os meus agradecimentos ao snr. Mario Barreto, mestre de philologia, e ao snr. Laudelino Freire, insigne geometra, que se não mediram, em seus bons officios, junto ao poder, no sentido de conseguir a adopção deste livro nas casas de ensino publico. Causou-me estranheza a campanha motivada contra a mim nesta pretensão pelo snr. Assis Cintra; só a posso attribuir a dissentimentos antigos, oriundos de uma velha divergencia em materia de historia, acerca da probidade do snr. Joaquim José da Silva Xavier, tambem conhecido pelo nome de *Tiradentes*. Não quero, todavia, ao meu illustre adversario nenhum mal. Tiradentes já morreu, e fica por isso terminado o incidente.

Aos que quizerem aprender grammatica, ahi vae este compendio d'ella, ao qual juntei uma farta collecção de excertos de autores classicos e contemporaneos, pois, como é sabido, nada ha que mais illustre os estudiosos e mais lhes enriqueça o conhecimento da lingua, do que a leitura dos bons autores.

Cumpre notar, que, sendo eu um livre cambista convicto, não puz deligencia em distinguir nacionalidade; fiz a collecção de excertos com artigos nacionaes e estrangeiros, de cambulhada.

Rio, 1927

Mendes Fradique (Fradique 1928: 5-6).

Na apresentação do método subjacente à obra, o autor refere-se em primeiro lugar a Tomás Delfino. Filho do poeta catarinense Luiz Delfino dos Santos (1934-1910), o carioca Tomás Delfino dos Santos (1860-1947) foi «[...] doutor em medicina pela faculdade desta cidade e seu representante no senado federal, tendo sido antes deputado á constituinte e reeleito em 1894. Foi com o doutor Silva Jardim um dos agitadores da propaganda republicana» (Blake 1902, VII: 286). Não consta que Delfino alguma vez tenha publicado uma obra dedicada à área da educação pública mas conservam-se alguns escritos de natureza política deste importante militante do Partido Republicano Federal.¹⁴ Para além

¹⁴ Para informações sobre a atuação de Delfino de Santos na política dos anos imediatamente a seguir à proclamação da República, veja-se o artigo de Veneu (s. d.).

disso, investigadores modernos como Isabel Lustosa¹⁵ e Cleverson Carneiro¹⁶ chegaram a relacionar a referência satírica do nosso autor a Tomás Delfino com defeitos no primeiro volume da edição póstuma das poesias do pai que este editara, edição esta que saiu em 14 volumes desde 1926 / 1927 até 1943. Ora, se presumirmos que a referência de Mendes Fradique a Tomás Delfino realmente se pode referir à edição póstuma dos poemas paternos, torna-se evidente que o ‘método confuso’ não pode ser resultado dos ‘esforços’ de Tomás Delfino: afinal, a edição do primeiro volume das poesias paternas (ca. 1926 / 1927)¹⁷ teve início quando o ‘método confuso’ como estilo literário do autor que se identificava Mendes Fradique já contava com bastante divulgação desde 1919...

Julgamos que deve ser considerado como pertencendo ao campo da ficção quando Fradique agradece aos filólogos Mário Barreto (1879-1931)¹⁸ e Laudelino Freire (1873-1937),¹⁹ manifestando-lhes gratidão por eles terem ajudado na obtenção da adoção do livro como gramática escolar.²⁰ Nada leva a

15 Veja-se a constatação de Lustosa (2004: 16): «A fórmula, cunhada a partir de expressão colhida em crônica de João do Rio sobre programas administrativos do governo ou, segundo o próprio autor, obedecendo ao método Tomás Delfino [que reuniu em volume a obra poética do pai sem uma ordem que permitisse verificar a evolução estética do autor], é a chave com que Mendes Fradique evidencia a sua intenção satírica», reproduzida em Carneiro 2008: 49.

16 Possivelmente com base na afirmação anterior de Isabel Lustosa, Carneiro (2008: 202) identifica a origem do método confuso nas propriedades da edição mal-ordenada que Delfino terá feito das poesias do pai: «No prefácio da Grammatica portugueza pelo methodo confuso ele aponta, ironicamente, que o pioneiro que lhe teria influenciado seria o filho do poeta Tomás Delfino, cuja organização da obra do pai tornava impossível acompanhar a evolução do poeta».

17 Trata-se do livro *Algas e Musgos*, uma coletânea com 258 páginas, publicada sem indicação do ano em Rio de Janeiro pela editora Pimenta de Mello & Cia.

18 Professor de língua portuguesa no Colégio Militar no Rio de Janeiro, o filólogo Mário Castelo Branco Barreto ficou célebre não só por causa da sua atuação no ensino, mas também pela publicação dos seus trabalhos como *Estudos da Língua Portuguesa* (1903), seguidos pelos *Novos Estudos [...]* (1911) e os *Novíssimos Estudos [...]* (1914) e *Fatos da Língua Portuguesa* (1916). Veja-se Penha (2002: 49-54).

19 Segundo ABL (s. d.) o acadêmico Laudelino de Oliveira Freire «foi professor catedrático do Colégio Militar, tendo lecionado várias disciplinas (Português, Espanhol, Geografia, História e Geometria) [...]». Fundador da *Revista da Língua Portuguesa* (1919-1935) Freire foi um dos principais promotores de uma simplificação ortográfica nos anos vinte, sendo responsável pela redação do *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa* (1933) e do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (5 vols.; 1940-1944).

20 Sem mais comentários sobre os autores a que se refere, Carneiro (2008: 193) concorda com a nossa avaliação da natureza satírica do ‘agradecimento’ pelo autor carioca: «Com o irônico agradecimento a dois dos mais renomados gramáticos dos anos 20, cujos livros eram adotados nas escolas brasileiras, Mendes Fradique desenvolve sua sátira característica, relacionando personalidades da época».

crer que o livro realmente tenha sido ‘adoptado em todas as escolas primarias, secundarias e terciarias do Brasil e subúrbios’ como informa o rosto, nem é provável que os linguistas referidos tenham apoiado uma obra desta natureza.

Infelizmente, não sabemos de que forma o professor paulistano Francisco de Assis Cintra (1887-1937), autor de obras não só historiográficas mas também linguísticas, terá chegado a pronunciar-se sobre a obra de Fradique. Seja como for, a não se tratar de uma referência a uma querela fictícia, o comentário do autor permite concluir que o desentendimento entre o humorista e o historiador possa ter remontado até à publicação da *História do Brazil pelo Methodo Confuso*, quando o autor demonstrou simpatia pela personagem histórica de Tiradentes.

Enquadradas as pessoas mencionadas no prefácio, resta saber o que foi, na sua essência, o ‘método confuso’. Dado que não consta, como já indicamos, que o referido Tomás Delfino dos Santos tivesse feito qualquer coisa para fundamentar tal método, somos levados a julgar, que a ligação que Fradique estabelece entre o político e o método, antes deverá ser considerada como sátira contemporânea. É precisamente neste campo que Isabel Lustosa, referindo-se à *História do Brazil pelo Methodo Confuso*, à *Feira Livre* e à *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* localiza a natureza do método:

Os três primeiros têm em comum, além do subtítulo “pelo método confuso”, o fato de serem sátiras a livros didáticos. São caricaturas dos textos pedagógicos de então, reproduzindo a ordem e o formato tradicional dos livros de cada um dos gêneros que pretendem satirizar. Neles, mais do que nos outros livros, há uma invasão do espaço editorial através de informações falsas ou de deslocamentos de fatos, datas, personagens, biografias, notas de pé de página, prefácios, etc. (Lustosa 1993: 111).

Neste sentido, considerando o caráter humorístico constatado pela investigadora brasileira, impõe-se a noção de que não se poderá encarar a *Grammatica Portugueza* como manual de ensino linguístico da língua portuguesa dentro do padrão herdado da gramaticografia latino-portuguesa. Vejamos, então, algumas das soluções ‘metalinguísticas’ de Mendes Fradique em confrontação com as ideias metalinguísticas de alguns linguistas contemporâneos.

3.2 Linguística pelo Methodo Confuso

Neste capítulo, apresentaremos uma escolha das principais definições linguísticas fornecidas por Fradique, comparando os trechos citados com possíveis fontes na tradição linguística contemporânea. Neste esforço de isolar o fornecimento de informações linguísticas do elemento puramente humorístico, basearemos as nossas comparações sobretudo na *Grammatica Portugueza* de Alfredo Gomes, já que o autor muitas vezes faz referência explícita a esta gra-

mática escolar. Nos casos em que a obra de Gomes não nos fornece informações, servir-nos-emos da gramática anônima editada pela editora F.T.D. (1925).

Gomes (161916)	Fradique (21928)
5. — Grammatica é a sciencia dos factos da linguagem, verificados em qualquer lingua. A grammatica divide-se em geral e particular. Grammatica Geral é o estudo dos preceitos, leis e anomalias da linguagem, communs aos idiomas de um grupo. Grammatica particular é o estudo dos mesmos preceitos, leis e anomalias da linguagem num idioma determinado (7).	Grammatica é a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua. Segundo affirmam os grammaticos, a grammatica é um conjunto de regras tiradas do modo pelo qual um povo falla usualmente uma lingua. Ora, o povo falla sempre muito mal, e escreve ainda peiormente; logo, não é de estranhar que seja a grammatica a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua (7).

É óbvio que a definição segundo a qual a gramática seria a arte de falar e escrever *incorrectamente* a língua não pode ser considerada como reflexo da definição algo mais moderna de Gomes nem de outra das gramáticas contemporâneas brasileiras que consultamos.²¹

Sendo indubitavelmente de origem metagramatical, a definição linguística na qual se baseia a afirmação do humorista faz parte do grupo das ‘definições normativas’ no sentido de Schäfer-Prieß (2000: 103). Observa-se que a definição de Mendes Fradique se assemelha bastante à definição geral na gramática filosófica do francês *Jean-Pons-Victor Lecoutz* de *Lévizac (?-1813)*: «la grammaire est l’art de parler et d’écrire correctement une langue» (Lévizac 1800: 1).²² Na tradição gramatical portuguesa, uma das definições-chave encontra-se no início da gramática erudita do acadêmico português Jerônimo Soares Barbosa (1737-1816): «*grammatica* he a Arte de falar e escrever correctamente a propria Lingua» (Barbosa 1822: 1).²³

Também as palavras com que o autor discute ‘a qualidade’ do uso da língua pelo povo constituem, portanto, uma forte ironização da tentativa de

21 Veja-se também F.T.D. (1925: 11): «**29. Gramática.** — E’ a ciência e a arte da linguagem falada ou escrita. Como *ciência*, faz a exposição metódica dos fatos da língua. Como *arte*, deduz as respectivas regras».

22 Se bem que também outros gramáticos pertencentes à escola francesa da *Grammaire générale* tenham fornecido definições que relacionam os termos de ‘gramática’, ‘arte’, ‘fala’ e ‘escrita’ com o critério normativo, é de constatar que a definição de Lévizac se encontra mais próxima da que encontramos em Soares Barbosa.

23 Convém lembrar que a *Grammatica Philosophica* de Jerônimo Soares Barbosa não só teve certo êxito editorial como também influenciou muitas obras metalinguísticas posteriores, talvez até menos em Portugal do que no Brasil.

estabelecer um conceito de gramática normativa, própria dos gramáticos mais conservadores.

Com as considerações sobre a palavra polissêmica ‘língua’, o autor aproveita da oportunidade para um jogo de palavras em que considera a língua não só como parte do corpo humano ou objeto de estudos linguísticos, mas ainda como elemento que está na base de qualquer desentendimento entre as pessoas:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>Linguagem é o conjunto de signaes oraes de que a humanidade se serve para representar as suas idéas. Lingua é propriamente a linguagem usada por uma ou mais nações, o falar exclusivo de um ou alguns povos.</p> <p>Não ha essencialmente differença entre linguagem e lingua: esta, porém, representa como uma parte do complexo immenso de vocabulos que constituem o meio, o vehiculo com que os homens se transmitem uns aos outros os seus pensamentos (5-6).</p>	<p>Lingua é um musculo chato, muito movel, com uma ponta presa e outra solta. E ahi é que está precisamente o grande mal da humanidade; se a lingua tivesse as duas pontas presas, quantos males se não evitariam, no genero humano? Mas é tão radicado no homem o ter a lingua com uma das pontas soltas, que, quando a natureza opera o prodigio de fazer nascer alguém com a lingua presa, logo corre o pai da criança ao medico mais proximo, afim de que este corte o freio á lingua do innocente</p> <p>Donde se tira e conclue que a lingua, para não ser o flagello que é, deverá ter sempre as duas pontas presas ou as duas pontas soltas.</p> <p>[...]</p> <p>Chama-se lingua, em Philologia, o processo vocal por que se entendem ou desentendem os elementos da collectividade humana</p> <p>[...]</p> <p>A lingua, sob o ponto de vista da pathologia, está sujeita a varias afecções.</p> <p>As enfermidades mais communs e felizmente mais benignas da lingua são: o solecismo, a aphthose, o sapinho, o nephelibatismo, as placas lueticas e a maledicencia.</p> <p>As mais graves doenças da lingua são o futurismo e o cancer (9; 10; 14).</p>

Para além da brincadeira com o termo de língua, não carecem de interesse as considerações ‘patológicas’ que o autor dedica a este órgão. Ao lado de algumas verdadeiras doenças como a aftose, o sapinho e as placas luéticas, o autor enumera como doenças da língua o solecismo (conhecido como vício da língua), o nefelibatismo (ou simbolismo) e a maledicência, considerando, porém, como as piores de todas as doenças o futurismo e o câncer o que permite

concluir, de que maneira Fradique estava oposto ao futurismo como corrente literária e artística contemporânea!²⁴

Na divisão da gramática em suas partes, as lições apresentadas divergem bastante uma da outra, ambas demonstrando, porém, reflexos da gramaticografia portuguesa do chamado ‘período científico’:

Gomes (161916)	Fradique (21928)
<p>7. — Divide-se a grammatica em duas partes: a morphologia ou estudo da fôrma das palavras ou dos vocabulos a syntaxe ou o estudo da função e boa disposição das palavras na phrase.</p> <p>8. — A morphologia ou lexicologia comprehende:</p> <p>1.º — o estudo dos sons em si — phonetica;</p> <p>2.º — o estudo da pronuncia dos sons, reunidos ou não em vacabulo — prosodia ou orthoepia;</p> <p>3.º — o modo de graphal-os — graphica;</p> <p>4.º — a classificação das palavras — taxinomia</p> <p>5. o estudo das flexões vocabulares — campenomia;</p> <p>6.º o estudo da origem e formação vocabular — etymologia (8).</p>	<p>DIVISÃO DA GRAMMATICA</p> <p>A grammatica divide-se em tres partes: Phonologia, Lexicologia e Syntaxe, qual delles a mais divertida.</p> <p>A Phonologia é a parte da grammatica em a qual se estudam os sons.</p> <p>A Lexicologia estuda pacientemente os vocabulos</p> <p>A Syntaxe estuda a estrutura da phrase.</p> <p>Procedamos acurada e pachorrentamente ao estudo destas tres partes da grammatica, porque na melhor das hypotheses, não ficaremos sabendo coisa alguma, donde lucraremos uma certa expontaneidade e clareza da linguagem (16).</p>

Divergindo da lição de Gomes,²⁵ Fradique somente reconhece três partes da gramática. Estas correspondem, a grosso modo, a três das quatro partes ‘canônicas’, nomeadamente da prosódia, da etimologia e da sintaxe como as define, entre muitos outros, Barbosa (1822: 1).²⁶ Não causa estranheza o fato de que esta divisão exclui o campo da ortografia, visto que este foi desconsiderado

24 Para mais informações contemporâneas sobre os movimentos artísticos do simbolismo e do futurismo veja-se F.T.D. (1925: 620-622).

25 Se bem que utilize termos parecidos, Gomes diverge das lições anteriores de Ribeiro (1900: 2), que considera as partes ‘lexeologia’ e ‘syntaxe’, e Silva Júnior / Andrade (1887: 7), que consideram as partes ‘lexycologia’ e ‘syntaxe’. Apesar da ligeira divergência terminológica com Ribeiro, Silva Júnior / Andrade (1887: 7) não consideram a morfologia como sinônimo da lexicologia, mas sim como parte dela, pois dividem esta primeira parte nas seguintes subclasses: «A *lexycologia* estuda a palavra individualmente, e subdivide-se em *phonologia* ou estudo dos sons (que comprehende – *phonetica*, *prosodia* e *orthographia*), *morphologia* ou estudo das fôrmas, e *semiologia* ou estudo do sentido das palavras e da sua variabilidade».

26 Sobre a tradição das partes da gramática desde João de Barros (1540) até a primeira edição da gramática de Barbosa (1822) veja-se Schäfer-Prieß (2000: 92-101). É, porém, com referência para Cândido de Figueiredo, que F. T. D. (1925: 10) apresenta a seguinte divisão: «A **Fonologia**, a **Morfologia** e a **Sintaxe** são três partes em que se pode dividir a **Gramática**».

em muitas das gramáticas antigas por ser objeto de uma descrição sistemática nos tratados metaortográficos propriamente ditos. Apesar da atitude irônica com que o autor parece encarar o estudo linguístico e os seus frutos (que obviamente considera irrelevantes), é notório que as definições do papel de cada uma das três partes da gramática são pertinentes também desde o ponto de vista linguístico.

No que concerne ao alfabeto, a definição de Fradique é séria e concisa. Algo menos convencional é a explicação do conceito da letra: ao lado de uma definição da função linguística da letra, o autor faz um jogo de palavras introduzindo a ‘letra de câmbio’ neste contexto.²⁷ É claro que a referência à letra como meio de financiamento do comércio é um recurso marcadamente humorístico:

F.T.D. (1925)	Fradique (1928)
36. Alfabeto. — O conjunto dos símbolos gráficos da língua portuguesa que vêm dos antigos egípcios, através dos fenícios, gregos e latinos, chama-se <i>alfabeto</i> , <i>abêcê</i> ou <i>abece-dário</i> (13).	O alfabeto que serve á graphia da lingua portugueza é o latino, acrescentado de alguns caractéres extranhos ao latim: K, W e X (23).
31. Letras (latim: <i>litera</i>). — São os caracteres que se usam para representar os fonemas.	Letras, com um ou dois tt, são signaes representativos dos sons ou de uma divida vencivel em praso determinado. As letras podem ser: vogaes, consoantes ou de cambio (23).
32. Vogais. — Ha 5 fonemas <i>sonoros</i> ou <i>voces</i> , isto é, que tem som proprio, os quais são representados por 6 letras chamadas <i>vogais</i> : a, e, i, o, u, y , porque o fonema agudo tem duas representações: a latina i e a grega y (não usada mais na ortografia oficial). [...]	As vogaes — são as que representam a simples emissão dos sons oraes. Ex.: <i>a, e, i, o, u</i> (23).
34. Consoantes. — Para grafar estas conso-nâncias, existem 19 consoantes e 3 grupos consonantais formados pela consoante <i>h</i> que não exprime consoância própria: São <i>b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z; ch, lh, nh</i> (12).	Consoantes — são as que exprimem emissões mais complicadas. Ex.: <i>Papel-moeda</i> <i>Sabinas</i> <i>Caixa de Estabilisação</i> As consoantes são: <i>B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N</i> <i>P, Q, R, S, T, V, X, W, Z</i> Isoladamente são nullas as consoantes, que só se empregam justapostas ás consoadas (23-24).

27 Segundo o *Dicionário* de Houaiss (2001), trata-se de um «título de crédito pelo qual o emitente, que se denomina *sacador*, dá ao *sacado* ordem de pagar determinada soma em dinheiro, em local e data especificados, a uma terceira pessoa ou à ordem desta».

Igualmente humorística é a descrição dos sons. Ao passo que define as vogais de forma metalinguística, Fradique satiriza esta definição na explicação da natureza das consoantes.

Se as influências na descrição linguística não se tornam muito claras nos exemplos anteriores, encontramos a partir do tratamento das partes da oração uma cada vez mais forte correspondência textual com as definições fornecidas por Alfredo Gomes. Vejamos o substantivo:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>9. — Substantivo é a palavra que designa o ser: <i>Pedro, gato, tinta</i>. Divide-se em proprio e commum ou appellativo.</p> <p>Proprio é o que designa o ser individualmente: <i>Maria, Amazonas</i>.</p> <p>Commum é o que designa classe, genero ou especie: <i>homem, animal, cousa</i> (41).</p>	<p>SUBSTANTIVO é a palavra que designa o ser.</p> <p>Ex.: Pedro, tinta, gato As vezes designa tambem o não ser.</p> <p>Ex.: nada, zero</p> <p>O substantivo pôde ser proprio ou de aluguel.</p> <p>E' proprio quando nomeia pessoa.</p> <p>Ex.: <i>Presidente da Republica, Prefeito, Ministro</i>, etc.</p> <p>Esses substantivos só não nomeiam pessoa quando a pessoa não tem pistôlão.</p> <p>O substantivo é de aluguel quando o morador paga renda ao senhorio; em caso contrario o substantivo é de carona.</p> <p>Ahi se faz mister despejar quanto antes o substantivo (53-54).</p>

Observa-se que a definição básica do substantivo nos exemplos corresponde ao texto do gramático. A sátira neste tópico começa quando Fradique troça com o *ser ~ não ser* e quando substitui a dicotomia *próprio ~ comum* por '*próprio ~ de aluguel*', que passa a caracterizar esta subcategoria do substantivo.

De forma algo menos hilariante, Fradique também retoma a definição do adjetivo. A principal alteração é a rejeição implícita do particípio – o que se pode dever a uma manifestação de ideias linguísticas próprias do humorista ou simplesmente ao fato de o1 particípio ser menos idôneo para jogos de palavras:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>1. — Adjectivo é a palavra que exprime qualidade, estado do ser ou o determina.</p> <p>2. — D’ahi a divisão dos adjectivos em qualificativos, participios e determinativos. Qualificativos ou descriptivos são os que exprimem qualidades dos seres; participios os que exprimem estado dos seres; determinativos os que determinam apenas: <i>casa BOA, fiquei DESANIMADO, meu CHAPÉO</i> (47-48).</p>	<p>Adjectivo é a palavra que exprime uma QUALIDADE ou um ESTADO.</p> <p>Ex.: bom, Maranhão</p> <p>Póde tambem o adjectivo determinar o substantivo. D’ahi a sua divisão em qualificativo e determinativo.</p> <p>Os adjectivos qualificativos servem para uso das redacções de jornais governistas e para casos de poetas vasio.</p> <p>Os determinativos são os que não qualificam couca alguma [sic!].</p> <p>Ex.: <i>meu, aquelle, outro</i> (62).</p>

Nos pronomes, Fradique reproduz o texto gramatical com relativa fidelidade, desconsiderando somente os pronomes conjuntivos e absolutos. Ao passo que estas informações metalinguísticas são bastantes fidedignas, o elemento humorístico é introduzido na pessoa gramatical: para Fradique as principais pessoas gramaticais são os já mencionados linguistas Mário Barreto, Laudelino Freire e Assis Cintra bem como o gramático João Ribeiro (1860-1934):²⁸

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>1. — Pronome é a palavra que substitue o nome. [...]</p> <p>2. — Os pronomes dividem-se ordinariamente em peessoaes, demonstrativos, relativos, conjunctivos, absolutos e indefinitos.</p> <p>3. — Pronomes peessoaes são os que indicam as peessoaes grammaticaes (47-48).</p>	<p>Pronome é a palavra que substitue o nome.</p> <p>Ex.: João do Norte</p> <p>Os pronomes dividem-se em: peessoaes, demonstrativos, relativos, e indefinidos.</p> <p>Pronomes peessoaes são os que indicam as peessoaes grammaticaes.</p> <p>As peessoaes grammaticaes mais conhecidas são cinco [sic!]: Mario Barreto João Ribeiro Laudelino Freire <i>Assis Cintra</i> (64-65).</p>

Também no verbo, o óbvio empréstimo à obra de Gomes serve como ponto de partida para trocar com as definições metalinguísticas:

²⁸ Segundo a informação de Penha (2002: 32) a *Grammatica Portugueza* (¹1887) deste autor foi «a melhor gramática escrita para o plano de renovação do ensino da língua no Brasil em 1887. Com ela concorreram os compêndios de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira e Maximino Maciel».

Gomes (161916)	Fradique (21928)
<p>1. — Verbo é a palavra que exprime acto, phenomeno ou um estado em realização passada, presente ou futura. [...] Os verbos são activos ou inactivos. Activo é o verbo que exprime acção: dizer. Inactivo é o que exprime estado, phenomeno: tropejar, viver (53).</p>	<p>Verbo é a palavra que exprime um acto. Ex.: casamento ou um estado: solteirão Os verbos, segundo Alfredo Gomes, dividem-se em activos e inactivos. São activos quando correspondem a uma acção. voto de accionista O accionista tem direito a tantos votos, quantas fôrem as acções em seu poder. Verbo inactivo é verbo malandro, relapso, que pouco apparece no discurso Ex.: sóe, avem, etc. (67-68).</p>

Assim, Fradique toma literalmente as palavras-chave ‘ato’ e ‘estado’, fornecidos pelo gramático e exemplifica-os com os substantivos ‘casamento’ (= ato de contrair casamento no registro civil) e ‘solteirão’ (estado de ser solteir[ã]o). Ainda mais divertidos são os jogos de palavras que faz com a ação representada pelos verbos ativo e passivo. Assim, o verbo ativo se encontra ligado à ação enquanto título que fornece direitos de participação numa sociedade anônima ao passo que o verbo passivo simplesmente se encontra caracterizado como sendo malandro.

Dado que a classe do advérbio obviamente é menos apta para esforços humorísticos, Fradique introduz o conceito morfológico da variabilidade nesta parte da oração (tradicionalmente considerada como invariável), estabelecendo, de resto, a curiosa distinção entre advérbios simpáticos (ou seja, os afirmativos) e antipáticos (ou seja, os negativos):

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>2. — Adverbio é a palavra que modifica o verbo, o adjectivo ou outro adverbio exprimindo circumstancia: <i>falar</i> BEM, MAL FEITO; MUITO <i>tarde</i>. [...] adverbios de modo: <i>sim, não, bem, mal, talvez, assim, como</i>, e quasi todos os adverbios terminados em <i>mente</i> e formados de adjectivos — <i>tristemente, bellamente</i>, etc. (56-57).</p>	<p>Adverbio é a palavra mais ou menos invariavel que modifica um verbo, um adjectivo ou outro adverbio. Os adverbios mas [sic!] amaveis são: sim bem muito bem (*)²⁹ Os antypaticos são não não e não nunca jâmais que esperança! (72).</p>

Também na definição da conjunção, a solução de Fradique não deixa de ser curiosa: em vez de adotar a definição dada pelo gramático, ele inverte-a ao contrário, nomeadamente na afirmação que a conjunção serviria para separar os elementos entre os quais se encontra. Além disso, constata ainda que a conjunção seria variável, quando a tradição gramatical latino-portuguesa a tem tradicionalmente por invariável:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>15. — Conjunção é a palavra que liga palavras, termos e sentidos: <i>rico</i> E <i>pobre</i>; <i>de dia</i> OU <i>noite</i>; <i>elle correu</i> MAS <i>cahiu</i> (59).</p>	<p>Conjunção é a palavra variavel que separa invariavelmente todas as palavras, parentes ou visinhos, entre os quaes ella se mette (73).</p>

Para explicar o conceito da preposição, Fradique limita-se essencialmente à referência da metade daquilo que Gomes chama as ‘preposições essenciais’ (modernamente conhecidas como ‘preposições simples’, como se vê em Cunha / Cintra 2001: 556):

29 Nota: «(*) Antonio Carlos de Andrade». Julgamos que se possa tratar do político Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1870-1946), que consta ter sido Presidente (ou seja Governador) do Estado de Minas Gerais desde 1926 até 1930, sendo, como informa Teixeira (s.d.: 1) também conhecido como Antônio Carlos de Andrade.

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>8. — Preposição é a palavra que estabelece uma relação qualquer entre dous termos, dos quaes o primeiro se chama antecedente e o segundo subsequente: <i>o livro do menino</i>.</p> <p>9. — As preposições dividem-se em preposições propriamente ditas ou essenciaes, palavras prepositivas e locuções prepositivas.</p> <p>10. — Preposições essenciaes são as que figuram sempre como preposição. Existem apenas dezoito: <i>a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás</i> (57-58).</p>	<p>Preposição é a palavra que a gente (*)³⁰ só deve ter o trabalho de decorar. São preposições: De em por para sobre contra a sem com etc., etc., etc. (74-75).</p>

Testemunhando a dificuldade de captar a natureza linguística da interjeição, Fradique aproveita a definição de Gomes mas esquivava-se de fornecer um exemplo, aludindo ao caráter prevalentemente oral da interjeição:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
<p>24. — Interjeição é representação rapida de nossos sentimentos. [...]</p> <p>28. — As interjeições essenciaes não pertencem ao dominio da grammatica: são verdadeiramente gritos instinctivos.</p>	<p>Interjeição é a palavra que quase nunca é palavra; é quasi sempre um berro. Ex.: (*)³¹ (75).</p>

Tal como acontece noutros exemplos, também na definição da sintaxe como parte da gramática, o nosso autor não só se aproveita claramente do texto de Gomes mas faz duas vezes referência explícita à sua obra:

Gomes (¹⁶ 1916)	Fradique (² 1928)
-----------------------------	-------------------------------

30 Nota «(*) Quando se engomma a roupa, deve-se acrescentar algumas gottas de glycerina á gomma. O ferro não pegará e a roupa terá um bello brilho depois de passada». É claro que esta nota não faz sentido no presente contexto, servindo, portanto, como efeito de alienação.

31 Nota «(*) E' impossivel reproduzir-se graphicamente uma interjeição, com a expontaneidade reflexa que ella tem. Quem quizer ter o exemplo de uma interjeição, espete um alfinete nas costas do passageiro que vae ao lado, no mesmo banco, ou no banco da frente»

1. — **Syntaxe.** — É a parte da grammatica que ensina a concordancia das palavras e orações, a boa escolha dos adjunctos ou complementos das palavras e a verdadeira collocação das palavras nas proposições e das proposições na phrase.

A syntaxe comprehende portanto: a **concordancia**, a **subordinação** ou **regencia**, a **collocação** ou **ordem** (252).

A **Syntaxe**, segundo define Alfredo Gomes, é a parte da grammatica que (ca-que) (*)³² ensina a concordancia das palavras e orações, a boa escolha dos adjunctos, etc.

Esta definição serve indistinctamente para *syntaxe* ou para *director de Instrucção Publica*, pois a esta autoridade incumbe egualmente a escolha de adjunctos e de adjunctas de 1^a, 2^a e 3^a classe.

A *syntaxe*, segundo o mesmo grammatico, comprehende: a **concordancia**, a **subordinação**, a **collocação** e a **ordem** (76).

Fradique unicamente diverge da definição do gramático quando elabora que esta também se applicaria ao Diretor de Instrução Pública por este ter partilhado do papel de boa escolha de adjunctos – dos professores adjunctos, claro...

3.3 O *Appendice Anthologico*

O já referido *Appendice Anthologico* reúne em 170 páginas os esboços biográficos e textos atribuídos a 66 homens de letras tanto do Brasil (por exemplo, Antônio Austregésilo, Castro Alves, Amadeu Amaral, Augusto dos Anjos, Antônio Vieira, Gregório de Matos, Laudelino Freire, Ruy Barbosa, etc.) como de Portugal (por exemplo, Oliveira Martins, Almeida Garrett, Sá de Miranda, Gil Vicente, Bocage, Garcia de Resende, D. Francisco Manuel de Melo, Latino Coelho, etc).

Nesta antologia de textos autênticos mas também apócrifos,³³ o humorista aproveita-se das introduções biobibliográficas para tratar as personagens com elevado grau de ironia e irreverência. Fica claro que, mesmo que esta parte do livro aparentemente não esteja ligada à *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, a obra metalinguística não deixa de partilhar o fim didático inerente a todas as obras feitas *pelo Methodo Confuso*.

4 As edições póstumas

Depois da primeira edição, única durante a vida do autor, seguiram-se outras três edições da obra, que apresentaremos a seguir.

32 Nota «(*) E' cacophonico, mas vae assim mesmo».

33 Veja-se neste sentido Lustosa (1993: 112). Convém observar que uma análise preliminar permite a conclusão de que boa parte pelo menos dos textos portugueses é autêntica.

4.1 A edição paulista da *Musa*

Sem qualquer indicação de constituir uma reedição da *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, a segunda edição da obra foi publicada pela editora Musa em São Paulo. Com a exceção do paratexto introdutório que volta a apresentar a indicação «Rio 1927» da primeira edição (Fradique s.d.: 6), não se encontra qualquer data junto com as referências bibliográficas do livro – o que explica que esta edição possa ter sido confundida com uma primeira edição de 1927. É, porém, no verso da capa, que encontramos umas informações sobre a gênese da edição que permitem uma datação aproximada:

Constitui para esta editora uma verdadeira honra entregar ao público brasileiro, esta GRAMMATICA PORTUGUEZA PELO METHODO CONFUSO de MENDES FRADIQUE.

Foi publicada em 1928 por uma editora de renome do Rio de Janeiro e esgotada há anos.

Queremos ao prestigiar o nome do falecido autor, mostrar que era êle um homem que escreveu sómente com o intuito de divertir o povo, e que por conseguinte é digno de todo o nosso reconhecimento e gratidão..

Esta obra é hilariante do início ao fim. Seu autor denota uma predisposição sem par para o humor ao escreve-la e constitui uma satira pronunciada dos melhores escritores brasileiros.

Achamos o nosso dever ao publicá-la conservar o texto integral da obra com a sua ortografia original, o que não deixa de ser uma diversão e uma curiosidade ao mesmo tempo.

Em nossos dias apressados e confusos êste livro tornar-se-á um delicioso descanso para quem o ler (Fradique s.d.: verso da capa).

Para além de fazer publicidade para a obra, este texto documenta que a edição da editora Musa é, com efeito, a segunda edição, realizada anos depois da *edição princeps* e depois da morte do autor em 1944, possivelmente em finais dos anos quarenta ou ainda mais tarde.³⁴

34 O terceiro parágrafo até parece tentar servir como uma justificação do autor frente às convicções políticas manifestadas por ele desde os anos trinta.

Verifica-se que não se trata de uma edição fac-similada, mas de uma composição tipográfica nova, que ocasionalmente conta com alterações tipográficas, por exemplo no uso de alguns negritos. É por isso que se verifica que a obra apresenta um número de páginas divergente em relação à *edição princeps*. Em ambas as edições, a última página de texto com numeração ser a página 261, a que se segue uma página branca (isto é [262]). A considerar por Fradique (1928), segue depois uma página dedicada a Rafael Pinheiro, seguida por outra página branca (ou seja [263-264]), a página de rosto do índice com outra página branca (isto é [265-266]). O índice ocupa, portanto, as páginas [267]-271 em Fradique (1928). Já em Fradique (s.d), observa-se que o compositor tipográfico não respeitou a ordem das páginas, pelo que o índice ocupa as páginas [265]-269.

Para além disso, verifica-se que toda a capa do livro é amarela, sendo ausentes as palavras ao lado da mancha de tinta que aludem ao Barão Puttkamer.

4.2 As edições facsimiles capixabas

Em 1984, a Fundação Ceciliano Abel de Almeida publicou, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) uma terceira edição fac-similada. A esta edição, inserida na coleção ‘Letras Capixabas’ seguiu-se uma quarta edição com as mesmas características em 1985. Ambas as edições partilham um pequeno posfácio não paginado, escrito por Luiz Busatto, então professor da UFES, que optámos por reproduzir na íntegra uma vez que as edições já estão esgotadas há muitos anos:

M.F. E SUA GRAMATICA

Mendes Fradique é o pseudónimo do médico capixaba José Madeira de Freitas, nascido aos três de abril de 1893 e morto em 1944. Seu primeiro livro **Hypocratéia** 1916, é composto de 76 sonetos humorísticos caricaturando os colegas que se formavam em medicina. As demais obras, em ordem cronológica, são as seguintes: **História do Brasil pelo Método Confuso** 1922; **Contos do Vigário** 1922; **Feira Livre** 1923; **A Lógica do Absurdo** 1925; **Doutor Voronoff** 1926; **O Bomsenso da Loucura** 1927; **Idéias em Zig-Zag** 1928; **Gramática Portuguesa pelo Método Confuso** 1928; **Pantomimas** 1930; **No Século da Cocaína** 1937. Há dúvidas sobre a existência das duas últimas obras, a última das quais parece definitivamente perdida.

O que projetou o autor nos meios artísticos foi sua participação como caricaturista na revista **D. Quixote** fundada em 16 de maio de 1917 e cujo diretor era D. Xiquote, pseudónimo de Bastos Tigre. No primeiro número havia dois tipos de

colaborador, o da PENA e o do LÁPIS. Os colaboradores do LÁPIS eram Julião, Raul, Calixto, Storni, Helios, Madeira de Freitas, George Bluow, Bambino e Nery.

Mendes Fradique ganhou notoriedade com uma caricatura de Rui Barbosa que saiu na capa da revista de número 90 de 29 de janeiro de 1919. No número seguinte, 91, de 5 de fevereiro, iniciou, em página inteira ilustrada, a **História do Brasil pelo Método Confuso**. Raimundo de Menezes no livro **Bastos Tigre e “La Belle Époque”** refere-se a Madeira de Freitas em nota de rodapé: “– Médico e jornalista, amigo de Emilio de Menezes e seu imitador, tem um período de grande popularidade, quando introduz em nosso meio um gênero de humorismo excêntrico baseado no **método confuso**, expressão colhida numa crônica de João do Rio sobre os métodos administrativos dos nossos governos”. (R. Magalhães Jr.). A explicação dada à origem do **método confuso** pelo próprio autor da **Gramática Portuguesa** é diferente. Em “Duas Palavras” introdutórias diz: “Tendo eu encetado, a título de ensaio, há alguns anos, a publicação de uma série de livros didáticos, obedecendo ao método do Sr. Tomás Delfino, qual é o **Método Confuso**, verifiquei, sem menor dificuldade, a perfeita adaptação desse método, à mentalidade da minha gente e da minha raça”. Ora, Tomás Delfino era filho do poeta catarinense Luís Delfino, e publicou, em diversos volumes, a obra dispersa do pai. O que se verifica na obra póstuma de Luís Delfino é, exatamente, a falta de ordem e de critério com que foi publicada, impossibilitando acompanhar a sua evolução estética.

A opinião de Herman Lima na **História da Caricatura no Brasil** 4^o. v. Rio, José Olympio, 1963, p. 413 sobre a **História do Brasil pelo Método Confuso**, pode ser aplicada também à **Gramática**. “Caracterizada pelos mais aberrantes anacronismos, essa versão estapafúrdia dos principais acontecimentos de nossa História, muito de acordo com os padrões do humorismo da época, não teria, hoje, naturalmente, maior interesse, dada a evolução do gênero. Era, entretanto, naquele tempo, uma ingênua antecipação do **nonsense** de tantos humoristas americanos de alta nomeada hoje em dia, não sendo rara uma certa graça natural na absurda fusão de fatos longamente pretéritos, com a atualidade”.

O humor depende muito das circunstâncias e, muitas vezes, passado o fato, perdem-se as ligações e contrastes que provocam o riso. Mas a gramática portuguesa não se alterou tanto assim desde 1928, para que o humor de Mendes Fradique tenha perdido o sabor de atualidade. Ao reeditar a **Gramática Portuguesa pelo Método Confuso** a Fundação Ceciliano Abel de Almeida pretende divulgar um autor capixaba que de nenhuma forma pode ficar esquecido, dada a sua importância na área específica de sua atuação, o humorismo. Qualquer leitor de hoje, como o de 1928, pode perceber o **nonsense** de suas brincadeiras verbais,

independentemente da compreensão do espírito irracionalista que animava o movimento antropófago, nascido em São Paulo, ou de **Macunaíma** de Mário de Andrade, publicado naquele mesmo ano. A **Gramática Portuguesa pelo Método Confuso** é um texto relativamente breve e de fácil leitura. O que se apresenta de estranho, neste volume, é o **Apêndice Antológico**, mais volumoso e mais confuso do que a própria **Gramática**. O **Apêndice Antológico** é composto com a matéria do livro **Feira Livre...**, Rio, Benjamim Costallat e Miccolis Editores, 1923, com capa desenhada pelo próprio autor e tendo como subtítulo **Antologia Nacional pelo Método Confuso**. De particular, o livro tem um prefácio no final e um índice de 49 autores, obedecendo a uma classificação de ordem alfabética até o quadragésimo autor. Cada autor é acompanhado de uma fotografia, sendo que a mesma não corresponde ao nome. Bastos Tigre é representado pelo desenho de um tigre; Coelho Neto vem com a fotografia de Charles Chaplin; Hermes Fontes é acompanhado por um desenho de Balzac; para Jackson de Figueiredo vem a fotografia de Procópio Ferreira; Monteiro Lobato é um índio de enorme pena atravessada no nariz; Osório Duque Estrada tem, no espaço reservado à fotografia, os seguintes dizeres:

O CLICHÉ
NÃO QUIZ
ENTRAR...

Deve-se salientar a importância da utilização do espaço tipográfico na composição do texto. Nisto o capixaba José Madeira de Freitas, se não foi o primeiro a utilizar-se deste recurso, foi um dos muitos que se antecipou aos movimentos de vanguarda datados de 1956, como a Poesia Concreta, Práxis e Poema-Processo. Em **Feira Livre...** de 1923, Mendes Fradique apresenta O TAPETE PERSA como obra atribuída a Augusto de Lima, uma brincadeira que se aproveita dos tipos gráficos e do formato visual. Na **História do Brasil pelo Método Confuso** de 1922, ele espalha aleatoriamente os pronomes no espaço em branco e acrescenta: “peço encarecidamente ao Dr. Laudelino Freire a fineza de colocar esses pronomes nos respectivos lugares”. Ainda nesta mesma obra, no capítulo XXXIX “Cartuchos de Festim”, distribui palavras, aparentemente sem nexos, pela página. Não se pode também deixar de mencionar a página 13 da 1ª. edição da **Gramática** com a *Fórmula empírica da feijoada completa, sátira que, com dezenas de anos de antecedência, ridiculariza recursos empregados por determinada crítica literária estruturalista que usa chaves, divisões e esquemas opositivos.

Nesta primeira edição da **Gramática Portuguesa pelo Método Confuso** da editora Leite Ribeiro, Mendes Fradique conservou 39 autores de **Feira Livre...**, eliminou 10 e acrescentou mais 27 novos, na sua maioria portugueses. Além disso introduziu notas de rodapé com receitas culinárias e observações curiosas de como tirar manchas, de conservar plantas, etc., sem nenhum nexo com o texto. Também fez alterações nos textos dos autores de **Feira Livre...** que conservou.

Como se pode observar, o método confuso é confuso mesmo. Levar a sério um humorista – Madeira de Freitas é um dos melhores do Brasil – é incorrer no seu humor.

Luiz Busatto
Departamento de Línguas e Letras -. UFES
(Bussatto em Fradique 1985: [I-IV])

Na sua brevidade, o posfácio de Luiz Bussatto (*1937),³⁵ fornece mais algumas achegas e comentários sobre a obra de Madeira de Freitas como Mendes Fradique que julgamos ser iluminadoras.

Conclusão

Como sátira a um manual didático-linguístico, a *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* é uma obra em que se encontram explicações e soluções metalinguísticas hilariantes ao lado de outras que, além e exatas, são também precisas. Sem dúvida a obra não pode ser categorizada como gramática propriamente dita no sentido de Schäfer-Prieß (2000: 1). Mas também não será justo descontar-lhe na íntegra o título de gramática, considerando apenas o caráter satírico-humorístico de uma obra literária.

A nossa comparação de trechos escolhidos permitiu-nos estabelecer um relacionamento entre a obra e a literatura metagramatical contemporânea. Pelo menos quatro vezes encontramos referências explícitas a Alfredo Gomes, ficando comprovado que a sua *Grammatica Portugueza* serviu de modelo imediato à maioria das definições da gramática escolar deste gramático brasileiro. Por outro lado, as frequentes referências permitem concluir que o autor tenha conhecido alguma parte das obras metalinguísticas da época que se inserem na tradição gramaticografia dentro do período denominado ‘científico’, sendo mencionados Mário Barreto, Laudelino Freire, João Ribeiro e Assis Cintra. Também não é de excluir a possibilidade de Fradique ter conhecido a gramática anônima de F.T.D.

O exposto permite concluir que a redação da obra não só exigia a Madeira de Freitas ter sólidos conhecimentos das obras metalinguísticas em circulação na época, como também os exigia ao leitor. Afinal, sem o profundo conheci-

35 Segundo AEL (s.d.), Luiz Bussatto ocupa a 24.^a cadeira da Academia Espírito-Santense de Letras desde 1987.

mento deste gênero textual e das circunstâncias sócio-culturais do Brasil nos anos vinte o leitor não podia usufruir na íntegra do elemento satírico inerente à obra. Contrário ao que consta do rosto, a obra nunca foi, portanto, uma gramática destinada ao ensino escolar básico, sendo antes dirigida a leitores com elevado grau de instrução e cultura que seriam capazes de apreciar a fina ironia e a sátira mordaz do ‘gramático’ Mendes Fradique.

Por impossibilidade de um levantamento exaustivo, não sabemos se cabe a primazia à obra de Mendes Fradique ou se existem obras luso-brasileiras anteriores que misturam os elementos jocoserios da ‘gramática humorística’. Ora, sendo provável que no vasto império das letras luso-brasileiras existam obras comparáveis que brincam com a gramática e às quais não tivemos a sorte de ter acesso, podemos referir a existência de duas obras recentes, publicadas no Brasil por Vieira (1985, 2002)³⁶ e Lima (2008).³⁷

De modo geral, julgamos que não carece de importância termos conseguido encontrar ‘gramáticas humorísticas’, dedicadas à língua francesa, que levam a crer que a existência de obras metalinguísticas jocoserias provavelmente seja um fenômeno global. Uma análise superficial tanto de Spiritini (1922) como de Fournier (1992) permite a conclusão que estas duas obras se ocupam com a língua de maneira brincalhona, ficando, porém, isentas do ar satírico e ocasionalmente malvado de Fradique.³⁸

No gênero textual das ‘gramáticas humorísticas’, nem todas as informações são de natureza linguística ou mesmo séria, podendo ainda ser diferente a técnica ou o grau de o autor brincar com a língua em quanto objeto da descrição humorístico-linguística. Ao passo que as duas obras dedicadas ao francês sejam mais próximas da gramática propriamente dita, Mendes Fradique aproveita

36 Em 1985 o padre cearense Antônio Batista Vieira (1910-2003) publicou uma *Gramática do Absurdo* que foi reeditada em 2002.

37 Ainda mais recentemente, o carioca Rogério Suarez Barbosa Lima (*1940) publicou a *Novíssima Gramática do Velho Português pelo método estúrdio, mas proficiente de RBL* que se insere declaradamente na tradição de Mendes Fradique (Lima 2008). O relacionamento entre as obras brasileiras e a obra de Fradique deverá ser estudado noutra ocasião.

38 Devido às intenções menos humorísticas dos seus autores, não fazem parte deste gênero textual as obras de natureza infanto-juvenil como *Emília no País da Gramática* de Monteiro Lobato (1934; s. d.) bem como as obras semelhantes em francês como *Voyage au Pays de la Grammaire* de P. V. (1878, 1881), *La Grammaire de Mademoiselle Lili* de Jean Macé (1878), ou *Xavier ou les Entretiens sur la Grammaire française* de Abel Hermant (1923). Também a *Gramatiquinha da Fala Brasileira* de Mário de Andrade, compilada e publicada postumamente por Pinto (1990), nada tem a ver com o gênero das gramáticas humorísticas. Trata-se, antes de tudo, de uma tentativa séria, mas incompleta, de documentação e codificação do português do Brasil.

para satirizar os linguistas contemporâneos e a totalidade dos manuais didáticos do seu tempo em geral. Neste sentido, convém recordar o resultado dos seus esforços, a *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, não só como monumento literário-humorístico, mas também como uma ‘gramática humorística’ que inclusive serve como reflexo adicional da produção metalinguística brasileira de inícios do século XX.

Dentro da tradição de expressão portuguesa, de dimensão reduzida, confirma-se que a obra assinada pelo humorista Mendes Fradique (que na vida civil e pública se chamava José Madeira de Freitas) não é somente uma das primeiras ‘gramáticas humorísticas’, mas que constitui o apogeu deste tipo de obras no Brasil. Esta constatação deve-se tanto ao número de edições (duas em 1927 e 1928, uma edição fac-similada em 1984), como aos reflexos diretos e indiretos em obras congêneres posteriores, tais como de Vieira (1985) e Lima (2008).

Referências bibliográficas

Obras de José Madeira de Freitas debaixo do pseudônimo de Mendes Fradique

FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso: Seguida de uma variada collecção de exercicios pelo mesmo methodo, Adoptado em todas as escolas primarias, secundarias e terciarias do Brasil e subúrbios*. 1ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos & Cia, 1928.

FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso: Seguida de uma variada collecção de exercicios pelo mesmo methodo, Adoptado em todas as escolas primarias, secundarias e terciarias do Brasil e subúrbios*. 2ed. São Paulo: Editôra e distribuidora Musa Ltda, s.d.

FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso: Seguida de uma variada collecção de exercicios pelo mesmo methodo, Adoptado em todas as escolas primarias, secundarias e terciarias do Brasil e suburbios. edição facsimilada*, Rio de Janeiro; Vitória: Editora Rocco Ltda.; Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes (Coleção Letras Capixabas; 14), 1984.

FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso: Seguida de uma variada collecção de exercicios pelo mesmo methodo, Adoptado em todas as escolas primarias, secundarias e terciarias do Brasil e suburbios, 4.ª edição facsimilada*. 4ed. Rio de Janeiro; Vitória: Editora Rocco Ltda.; Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes (Coleção Letras Capixabas; 14), 1985.

FRADIQUE, Mendes. *História do Brasil pelo método confuso*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras (Coleção Retratos do Brasil), 2004.

Outras referências bibliográficas

- ABL = ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (s. d.): Biografia: Laudelino Freire, Cadeira 10. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=773&sid=147>>. ACESSO EM 6 DE JUNHO DE 2012.
- AEL (s.d.) = História. Disponível em: <<http://academiaesletras.com.br/historia>>. Acesso em 26 de dezembro de 2011.
- AGUALUSA, JOSÉ EDUARDO. *Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*. 6ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.
- B[ARBOSA], J[erónimo] S[oares]. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza: ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem, Por J. S. B., Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Escolas do Reino em a Universidade de Coimbra*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias.
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 7 vols., Rio de Janeiro: Na Imprensa Nacional, 1883-1902. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Nendeln; Liechtenstein: Kraus Reprint, 1969.
- CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu Método Confuso: Sátira, Boemia e Reformismo Conservador*. Dissertação (Doutor em Letras), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/13871/Cleverson1-def.pdf>>. Acesso em 6 de junho de 2012.
- CUNHA, Celso [Ferreira da] / CINTRA, [Luís Filipe] Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- FOURNIER, Jean-Louis. *Grammaire française et impertinente*. Paris: Éditions Payot (Documents Payot), 1992.
- F.T.D. (1925) = *Novo Manual de Língua Portuguesa Luso=Brasileira: Curso Superior*. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, Paulo de Azevedo & C.
- GOMES, Alfredo. *Grammatica Portugueza: Adoptada no Collegio Pedro II, Escola Normal, Collegio Militar, Collegio Abilio, Lyceus Literario Portuguez e de Artes e Officios, Gymnasio Mineiro, etc*. 16ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, Paris: Livraria Aillaud, Lisboa: Livraria Bertrand, 1916.

- HERMANT, Abel. *Xavier ou les Entretiens sur la Grammaire française*. 1ed. Paris: Le Livre, 1923.
- HOUAISS, Antônio: *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IGPA (s. d.) = Instituto Goiano de História e Antropologia: Sala 1: Família Puttkamer. Disponível em: <http://www.ucg.br/ucg/institutos/igpa/site/home/secao.asp?id_secao=1741>. Acesso em 6 de junho de 2012.
- KEMMLER, Rolf. Gramática e Humor na *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso* de Mendes Fradique (1928). In: GÄRTNER, Eberhard; SCHÖNBERGER, Axel (Hrsg.). *Estudos sobre o Português Brasileiro*. Frankfurt am Main: Valentia, 2009, p. 227-245.
- LÉVIZAC, [Jean-Pons-Victor Lecoutz] de (²1800): *L'ART / de parler et d'Écrire / correctement / la langue françoise, / ou / grammaire / PHILOSOPHIQUE ET LITTÉRAIRE / de cette langue, / A l'usage des des Étrangers qui désirent en con- / noître à fond les Principes, les Beautés, et le / Génie. / dédié, avec permission, / A SA MAJESTÉ / LA REINE DE LA GRANDE BRETAGNE / PAR M. L'ABBÉ DE LÉVIZAC. / SECONDE ÉDITION. // a LONDRES, / CHEZ A. DULAU ET CO. SOHO SQUARE, / Et chez l'Auteur, No. 14, Great Castle Street, Cavendish Square. / 1800.*
- LIMA, Rogério Barbosa. *Novíssima Gramática do Velho Português pelo método estúrdio, mas proficiente de RBL*. Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2008.
- LOBATO, [José Bento] Monteiro. *Emília no País da Gramática / Aritmética da Emília*. São Paulo: Circulo do Livro, s. d..
- LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo Método Confuso: Humor e Boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- MACÉ, Jean. *La Grammaire de Mademoiselle Lili*. Paris: Bibliothèque d'Éducation et de Récréation J. Hetzel & Cie., 1878.
- PENHA, João Alves Pereira. *Filólogos Brasileiros*. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2002.
- PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e Contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.
- QUEIROZ, [José Maria de] Eça de. *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*. 3ed. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1945.
- QUEIROZ, [José Maria de] Eça de. *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*. 6ed. Porto: Livraria Chardron de Lélo & Irmão, 1921.

- QUEIROZ, [José Maria de] Eça de. *Ultimas Paginas (Manuscriptos Ineditos), S. Christovam - S.^{to} Onofre - S. Frei Gil - Artigos Diversos*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, s. d.
- QUEIROZ, [José Maria de] Eça de / Ortigão, Ramalho (1947): *O Mistério da Estrada de Sintra: Cartas ao Diário de Notícias*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, A. M. Teixeira & C.^a (Filhos).
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. Sexta edição revista, pelo Prof. Lagôa, São Paulo: Propriedade de Miguel Melillo – Livraria-Editora, 1900.
- SARAIVA, António José / LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, 16ed. Porto: Porto Editora, s. d..
- SCHÄFER-PRIEB, Barbara. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300), 2000.
- SERRÃO, Joel. *O Primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte (Livros Horizonte; 7), 1985.
- SILVA JÚNIOR, [Manuel] Pacheco de / ANDRADE, Lameira de. *Noções de Grammatica Portugueza: De accordo com o programma official, Para os exames geraes de preparatorios do corrente anno*. Rio de Janeiro J. G. de Azevedo – Editor, 1887.
- SPIRITINI, Massimo. *Le Carnaval de la Grammaire: Ricettario umoristico per lo studio della Lingua Francese, Fonologia, Grammatica, Sintassi, Per tutte le case, Per tutte le scuole, Per tutte le classi*. Padova: Ed. A. Dolfini, 1922.
- TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodrê. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_LuizGuilhermeSodreTeixeira_A_historia_da_charge.pdf>. Acesso em 6 de junho de 2012.
- P. V. *Voyage au Pays de la Grammaire par un ancien Professeur*. 2ed. Tours: Alfred Mame et Fils, Éditeurs, 1881.
- VENEU, Marcos Guedes. Enferrujando o sonho: partidos e eleições no Rio de Janeiro, 1889-1895. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_MarcosGuedesVeneu_Enferrujando_sonho.pdf. Acesso em 6 de junho de 2012.
- VIEIRA, Antônio. *Gramática do Absurdo*, 1ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1985.
- VIEIRA, Antônio. *Gramática do Absurdo e Antologia Contraditória*, 2ed. Fortaleza: Premium Editora, 2002.